

## Leônidas de Mello Deane (1914-1993)

Leônidas de Mello Deane (1914-1993)

Luiz Fernando Ferreira

*Membro Correspondente da Academia Paraense de Ciências  
Pesquisador Emérito da Fundação Oswaldo Cruz*

Adauto Araújo

*Membro Correspondente da Academia Paraense de Ciências  
Pesquisador Titular da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz)*

Este pequena resenha sobre o pesquisador paraense Leonidas de Mello Deane dá sequência à série iniciada na Revista NORTE CIÊNCIA (ISSN 2177-4315) da Academia Paraense de Ciências, sobre cientistas que se formaram no Pará e exerceram suas pesquisas em outros estados brasileiros. O médico Leonidas Deane foi um grande pesquisador que deixou contribuições fundamentais para o conhecimento das doenças infecciosas endêmicas no Brasil ou importadas de outros países. Dentre elas, as leishmanioses e a malária. Neste breve relato sobre Leonidas Deane, mostramos sua importância como cientista e como formador de novas equipes de pesquisadores.

Leônidas Deane era um grande desenhista e pesquisador dos mais importantes no Brasil. Conhecedor de música, apreciava o jazz, além de muito interessado na história. Tinha um cultura geral muito grande, era de uma bondade enorme, paciente, incapaz de uma palavra grosseira ou de um gesto ríspido, em qualquer situação.

Nasceu em Belém do Pará em 1914, filho de Leonard Eustace Deane e Helvécia de Mello Deane. Seu pai era inglês, e conheceu sua mãe em Belém. Leônidas estudou medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e foi professor de microbiologia nesta instituição.

Nos anos 1930, Henrique Penna, que trabalhava para a Fundação Rockefeller, examinou material de viscerotomia e encontrou os primeiros casos de Calazar na região. O jovem pesquisador Evandro Chagas, do Instituto Oswaldo Cruz, vai para o Pará, em Abaetetuba, e inicia os primeiros estudos sobre a doença. Reúne um grupo de jovens cientistas, entre eles Leonidas e Gladstone Deane, Otávio Mangabeira filho, Felipe Nery Guimarães, Geth Jansen e Maria José Paumgarten, que depois se casaria com Leonidas.

O governador da época, José Carneiro da Gama Malcher, criou então o Instituto de Patologia Experimental do Norte, dedicado ao estudo de doenças tropicais. Quando da morte de Evandro Chagas em 1940, em acidente aéreo no Rio de Janeiro, o instituto passou a chamar-se de Instituto Evandro Chagas em sua homenagem, hoje reconhecido internacionalmente.

Em dezembro de 1936, Leonidas Deane e seus companheiros fizeram a primeira viagem de trabalho de campo, junto com Evandro Chagas, para a cidade de Abaeté, depois chamada de Abaetetuba. Foi também o primeiro contato com a selva, com redes armadas sob as árvores. Dirigiram-se depois para um lugarejo chamado Piratuba e lá encontraram os primeiros casos *in vivo* de Calazar. Examinavam as pessoas do lugar e naqueles em que o baço estivesse aumentado, praticavam a

viscerotomia, retirando um fragmento de tecido do baço para exame microscópico à procura de *Leishmania donovani*. Os artigos publicados resultantes desta primeira viagem foram muito importantes para o conhecimento da doença na região norte, e até hoje referenciados nos estudos sobre a doença e este parasito.

Em 1928, Adolpho Lutz esteve em Natal para escolher o local onde seria construído um leprosário. Por suas pesquisas, Lutz supunha que a lepra poderia ser transmitida por mosquitos e estudou as espécies que se encontravam na região. As viagens transatlânticas começavam a crescer e o cientista chamou a atenção do governo para a possibilidade de introdução de novas espécies de vetores introduzidas por este meio. Logo houve a invasão de *Anopheles gambiae* e Deane engajou-se na pesquisa da malária. Em suas viagens para trabalho de campo há passagens memoráveis, registradas em depoimentos para a Casa de Oswaldo Cruz:

“O padre Cícero tinha deixado como tradição a ideia de que o demônio vinha tentar provocar o fim do mundo. Ele viria primeiro sangrando a população. Depois, no ano seguinte, o diabo viria furando os olhos e no terceiro vinha matar todo o mundo. Acontece que a nossa caminhonete tinha o número 666, que é o número do Apocalipse. Chegavam aqueles três camaradas, meu irmão, Maria e eu, tirando sangue das pessoas – a primeira profecia do Padre Cícero. Nós estávamos tirando sangue para procurar malária, mas ficamos muito desconfiados conosco (...).

Houve dois episódios de besta-fera comigo. Um dia, em Iguatu no sul do Ceará, cheguei numa casinha onde só tinha uma mulher e duas crianças, tremendo de medo. Eu estava com dois guardas e expliquei para elas que ia tirar sangue, não doía nada, ia primeiro tirar das crianças, para mostrar que não doía. Enfim, aquela conversa de sempre. Mas elas, nada, tremendo, uns olhos assustadíssimos. Perguntei por que estavam assim. O guarda foi falar com elas e me disse: Elas dizem que estão com medo que o senhor seja o diabo.

O senhor tem que provar que não é o diabo tirando as botas para mostrar que não tem pés de cabra. Tirei as botas, as meias, para mostrar que meu pé não era de cabra. Então elas deixaram tirar sangue.

Em Icó aconteceu a mesma coisa, em outra casa e o guarda me disse o que elas estavam querendo que fizesse: tinha que fazer o sinal da cruz em frente ao crucifixo. E ele acrescentou: elas disseram que se o senhor não explodir com cheiro de enxofre, deixam tirar o sangue. Fiz o que queriam”.

Em 1953, foi convidado pelo Professor Samuel Pessoa, para compor sua equipe de professores de parasitologia na Universidade de São Paulo. O pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, Wladimir Lobato Paraense, colega de Leonidas Deane na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, diz sobre ele:

“Era verdadeiramente modesto, raiando pela timidez, incapaz de uma ofensa, sempre disposto a ajudar. Nunca ouvi falar mal de ninguém, como nunca soube de alguém que tivesse tido este privilégio. Para mim, Leonidas sempre representou a encarnação da pureza”.

De fato, em 1981, Leonidas Deane e Lobato Paraense compunham o Comitê do Prêmio Samuel Barsley Pessoa, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Parasitologia em Belo Horizonte, e escolheu um dos primeiros trabalhos nossos em Paleoparasitologia como primeiro lugar, distinguindo-o como o mais original. Porém, no ano anterior, levei a ele minha dissertação de mestrado sobre os achados de parasitos em material arqueológico no Brasil. Pedi-me dois dias para ler, depois me ligou e fui vê-lo em seu laboratório. Disse-me que havia gostado do assunto, porém não entendia nada daquilo e precisaria tempo para ler os artigos e investigar mais a fundo. Tinha muitas tarefas pela frente e não teria tempo para isso. Pedi-me desculpas (!) e devolveu-me o trabalho. No ano seguinte viria o prêmio.

Leonidas Deane estudou e fez o mestrado na Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, e depois na Universidade de Michigan, ambas nos Estados Unidos. Ao longo de sua carreira, Leonidas Deane recebeu inúmeros prêmios e distinções, entre os quais, Prêmio Oswaldo Cruz, Medalha Carlos Chagas, Medalha Gaspar Vianna, Prêmio Moinho Santista, Medalha Henrique Aragão, entre outras. Foi ainda professor da Faculdade de Medicina do Norte do Paraná, cientista visitante do Colégio Imperial, em Ascot, Inglaterra, e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Além de ter trabalhado ainda na Universidade de Carabobo, Venezuela (1976-1979), e no Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa (1975).

Ao voltar ao país, ingressou na Fundação Oswaldo Cruz, juntamente com sua inseparável companheira, Maria Deane. Ele no Departamento de Entomologia e ela no Departamento de Protozoologia, no Instituto Oswaldo Cruz, chefiando estes departamentos e formando equipes de notáveis pesquisadores. Permaneceu em atividade, mesmo depois de sua aposentadoria compulsória, vindo a falecer em janeiro de 1993.

Ao terminar esta breve resenha, reproduzimos o belo poema

de Eduardo Tosta, professor da Universidade de Brasília, por ocasião da morte de Leonidas Deane:

Foi-se o gigante franzino  
Que nos extasiava com lições de sabedoria e simplicidade  
Mostrando que é possível ser erudito sem ser arrogante  
E ser puro em um mundo corrompido  
Foi-se o exemplo de abnegação  
Que provou com sua vida que o conhecimento liberta  
E que o trabalho representa  
Uma fonte perene de redenção  
Foi-se o mestre  
Que ensinava aos mestres os segredos da vida  
E que no decifrar os segredos da vida  
Nos deixava mais próximos de Deus  
Foi-se a alma peregrina  
Ao encontro de um recanto de menos sofrimento  
Para poder ensinar aos anjos  
Os mistérios das espécies crípticas  
Ficam legiões de órfãos.

*Carlos Eduardo Tosta*  
Brasília, Fevereiro de 1993



*Leonidas e sua esposa Maria*

### Leituras recomendadas

Lacaz CS 1998. A tribute from the Tropical Medicine Institute of São Paulo in memory of Leonidas de Mello Deane and his wife Maria José von Paungarten Deane. *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo* 40: <http://dx.doi.org/10.1590/S0036-46651998000400013>

Depoimentos da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/patrimonio-cultural/acervo-arquivistico/acervo-de-historia-oral>

Canal Ciência, IBICT. Entrevista a Nilcéa Freire [http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/leonidas\\_e\\_maria\\_deane\\_32.html](http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/leonidas_e_maria_deane_32.html)

Paraense WL 1993. Leonidas de Mello Deane. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 88: <http://dx.doi.org/10.1590/S0074-02761993000100002>